8

Conclusão

Desde o início desse trabalho nossa proposta foi entender a correlação entre publicidade e homossexualidade. Operando nessa tensão, procuramos evidenciar diversas coisas, tanto com relação a uma atividade que tem sido a base de sustentação da cultura de massa, como no que diz respeito a uma orientação sexual que se erigiu em movimento e que reivindica reconhecimento como verdade humana.

Também não nos restringimos apenas às mensagens publicitárias. Muitos excelentes trabalhos já o fizeram. Aqui, tratava-se de entender não apenas a mensagem publicitária gay, mas a própria publicidade como mensagem, “ouvir” o que dizia o seu silêncio com relação à “ecologia” homossexual e observar a sua “fala” imbricada na engrenagem do exercício discursivo do poder. Um poder que sempre se exerceu de forma heterodiscursiva e heteronormativa. Bourdieu, em *O Poder Simbólico*, situa muito bem essa questão.

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado, os atos dos produtores e das obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir. (2004, p.69)

O objetivo era chegar ao ponto em que pudéssemos classificá-la segundo uma lógica crítico-analítica, em que ensaiamos o batismo (coisa tão cara à publicidade, esse verdadeiro batistério) da publicidade quanto à homossexualidade em três variações operativas – publicidade “no armário”, “publicidade in *Box*” e “publicidade-michê”. Foi um longo e necessário percurso que, espero, tenha acrescentado conhecimento e provocado reflexões ao(à) leitor(a) desse trabalho. Todas estas questões me motivaram a hibernar, em pleno verão escaldante de 2013, para realizar essa pesquisa e dialogar com as mais diversas fontes.

Interessante é isso ter acontecido a partir de um programa radiofônico, em pleno século XXI, o que nos dá uma percepção da possibilidade de ampliação utilitária das mídias e atualidade que uma simples transmissão radiofônica pode ter em nossas vidas. Pude ter a oportunidade da confirmação da necessidade e utilidade da reflexão aqui desenvolvida no início desse ano (2013), ao me deparar com duas falas em um programa que tem como tema a diversidade, o Mixbrasil, na rádio CBN.

A primeira ocorreu durante a transmissão de uma mesa-redonda sobre homossexualidade e diversidade, comemorativa de um ano de existência do programa. O jornalista, escritor e historiador João Silvério Trevisan, perguntado por um jovem sobre como via o novo cenário do movimento homossexual face às novas tecnologias de informação e comunicação, respondeu que hoje, com “essa coisa de internet”, os homossexuais estão pensando que ser gay é só ir para a cama, só fazer sexo. Retrucou que ser gay é muito mais do que isso, que existe toda uma luta de muitos anos e que envolveu muita gente para chegarmos ao que está acontecendo na atualidade.

Em outra entrevista, Carlos Magno, o presidente da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABLGBT), perguntado sobre como andavam as conquistas institucionais para os direitos dos homossexuais, respondia radiante que tinha ido a Brasília e que estava muito satisfeito com o acolhimento e a recepção que obtivera de um grupo de ministros que se comprometeram em levar adiante as diversas reivindicações que havia apresentado.

Quanto à primeira entrevista, com Trevisan, transparecia certa revolta do antigo militante de primeira hora, fundador do jornal “Lampião da Esquina”, a primeira publicação homossexual com circulação nacional do país. A facilidade com que as coisas fluem, hoje, para a atual juventude gay, em contraste com a época em vivera a sua mocidade estabelece um agudo contraste, por vezes insuportável para quem lutou tanto.

Mas aqueles tempos podem e devem ser revisitados na memória. Os de hoje, pertencem a outra categoria de análise. Em linha com o questionamento

de Trevisan, nada nos assegura que se esteja vivendo com qualidade a perspectiva homossexual apenas em função das possibilidades que a tecnologia hoje propicia. É claro que elas proporcionaram dispositivos de trocas e uma inegável territorialidade, ainda que em terreno virtual, para a homossexualidade.

No entanto, ao que tudo indica, na época de Trevisan, em que eclodia a repressão de uma crueldade ditatorial militar, talvez houvesse mais afeto entre os homossexuais, talvez o amor não estivesse tão destroçado pela perspectiva neoliberal da atualidade. São dois pesos e duas medidas completamente diversos. Naquele encontro, ambos, Trevisan e o jovem, tinham muito a aprender mutuamente. Porém, com certeza, é bem mais fácil ser um jovem homossexual em 2013 do que em 1964, quando Trevisan tinha apenas 19 anos. Mas a percepção do que estava ocorrendo no confronto entre as duas posições, não necessariamente antagônicas, valeu-me como provocação.

A segunda fala, de Carlos Magno, revelou uma confiança e uma fé que me soaram desproporcionais nos planos político e institucional. É histórico o fato de que se colocando em posição contrária ou favorável, ou ainda se omitindo, políticos veem a homossexualidade como um valor a ser trabalhado em suas campanhas. Nunca um presidente da ABLGBT seria mal recebido em Brasília. Porém, a julgar pelas declarações que coincidem com o momento em que escrevo, hoje, ele seria mais bem recebido no Vaticano, pelo papa Francisco, que conclamou a Igreja católica a não afastar os homossexuais, a acolhê-los no âmbito da fé, do que o seria pelo presidente da Comissão de Direitos Humanos das Minorias da Câmara dos Deputados, em Brasília.

Mas a questão não se restringe a boa recepção da entidade no âmbito dos governos federal, estadual ou municipal. A luta, hoje, não acontece em Brasília. Como vimos nesse trabalho, o movimento homossexual, historicamente contaminado pelo ativismo político em geral, ao se estruturar na resistência ao regime ditatorial militar, entende a resistência e a militância como um embate no plano governamental, institucional. O advento da Aids e a aproximação muito forte do movimento e das instituições governamentais, na

década de 1990, a formação de ONGs e a destinação de verbas para esses fins, também contribuíram muito para isso.

Hoje, mais do que nunca, essa forma de luta foi, e está sendo cada vez mais, desterritorializada. O novo território da luta pela visibilidade e das conquistas da homossexualidade é na mídia. Há muito tempo, nos Estados Unidos, existem numerosas iniciativas de acompanhamento da publicidade, como o que é realizado, com relação à temática homossexual, pela *Gay & Lesbian Alliance Against Defamation's* (Aliança Contra a Difamação de Gays e Lésbicas)¹, instituição que existe há 25 anos e que desenvolveu o *Advertising Media Program* (Programa de Acompanhamento de Publicidade e Mídia)², através do qual foi criado o site *Commercial Closet* (“armário de anúncios, de comerciais”), especializado em acompanhar e discutir a publicidade homossexual.

Estas organizações fazem o rastreamento de todas as mensagens que abordam o tema ou que fazem menção à homossexualidade, positiva ou negativamente, analisando as diversas modalidades de programação – publicitária, jornalística, cinematográfica, shows, programas de auditórios, etc. A identificação de situações negativas, de mensagens que ferem os direitos do cidadão, tem rendido uma boa leva de processos cujas indenizações, por si só, já manteriam financeiramente a estrutura necessária para esse trabalho. Todas as instituições, governamentais ou empresariais, públicas ou privadas, norte-americanas tomam um enorme cuidado porque sabem que podem a qualquer momento ser levadas para o banco dos réus e ter a sua marca também divulgada negativamente na mídia, além do pagamento de indenizações.

Até onde sei, no Brasil nunca houve qualquer iniciativa neste sentido. A grande mídia, que opera de forma hegemônica, faz o que quer com relação ao tema. Programas de auditório e humorísticos, noticiários e até a própria publicidade costumam caricaturar os perfis de personagens gays. O poder judiciário brasileiro, através do Supremo Tribunal Federal, já deu provas

¹ <http://www.glaad.org/programs/advertising>. Acesso em 30/07/2013.

² <http://www.commercialcloset.org/common/11064/default.cfm?clientID=11064>. Acesso em 30/07/2013.

concretas e bem claras de sua disposição em fazer valerem os direitos homossexuais, um preceito constitucionalmente inscrito desde 1988. Tanto é que, por unanimidade, reconheceu o direito à união homoafetiva.

Há que se modificar essa forma de militância e atuação. Realmente, João Silvério Trevisan tem razão, ser homossexual não é só utilizar a internet para contatos sexuais. Mas, certamente, também não é transitar por salas de palácios, deslumbrar-se com a presença em coquetéis, transitar entre celebridades, depender de disposições e verbas governamentais ou se iludir com a recepção institucional por parte de políticos, do governo da vez.

Na linha da preocupação com a atualização e da continuidade do movimento homossexual, outra consideração a fazer é a que diz respeito às profundas diferenças que visão *queer* oferece para o enfrentamento do problema. Richard Miskolci, em trabalho recente aqui já citado, *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*, aponta para a importância do regime político *queer*, que se baseia na instituição da diferença com relação aos movimentos de luta pró-homossexualidade e desenvolve um esquema que facilita a sua compreensão. (2012, p. 27)

Quadro 7: Movimentos pró-homossexualidade x Regime político *Queer*

	Homossexual	Queer
Regime de verdade	Binário hetero-homo	Normal-Anormal
Luta política	Defesa da homossexualidade	Crítica aos regimes de normalização
Perspectiva	Diversidade	Diferença
Concepção de poder	Repressora	Disciplinar/controlado

Os movimentos pró-homossexualidade trabalham na dicotomia hetero/homo enquanto a política *queer* preocupa-se com o que, por que e como é estabelecido o antagonismo normal/anormal. A luta dos movimentos é pela defesa da homossexualidade, a *queer* é pela crítica dos próprios regimes de normalização. Enquanto os movimentos pregam a aceitação da diversidade, a visão *queer* institui o princípio da diferença. A concepção de poder observada e combatida pelos movimentos é a repressora. O “radar” *queer* está sintonizado

na detecção do poder imiscuído nas coisas mais corriqueiras, no dia a dia, no controle, no poder disciplinar exercido na educação.

Através desse trabalho de pesquisa, pude concluir que a atual territorialidade homossexual, no Brasil, se deve mais às razões comerciais, ao crescimento de um segmento de mercado que cresce geometricamente, e aos dispositivos tecnológicos de informação e comunicação operando em rede, conectados à *web*, do que pela ação de inteligência de qualquer grupo ou movimento homossexual.

Com relação à explosão da homossexualidade na internet, Richard Miskolci, em outro trabalho, “Homossexualidade na Rede”³, alerta para o fato de que a *web* pode estar se transformando no mais novo meio de controle da sexualidade. Parte do princípio de que, ao colocar o sexo em palavras, a *web* atua como uma ampliadora do papel da sexualidade não apenas na vida mas na forma como se compreende a vida.

Miskolci faz menção ao primeiro volume da *História da Sexualidade*, em que Michel Foucault evidencia a exploração do fenômeno histórico que trouxe a sexualidade para o discurso desde a técnica da confissão até a psicanálise. Era a inserção do sexo em formas de regulação. Miskolci questiona se, olhando sob esse ponto de vista, a internet não seria um dos meios de controle sexual.

A psicanalista Ivanise Fontes, em *Psicanálise do Sensível: fundamentos e clínica*, aponta as deficiências simbólicas na sintomatologia contemporânea, que aqui transcrevo como continuidade às colocações de Miskolci e um diálogo intertextual.

Os analistas atualmente vêm se deparando com toda uma sintomatologia que evoca a deficiência simbólica, ou melhor, apresenta uma simbolização estereotipada, pré-fabricada.

Diante da constatação de que vivemos uma redução espetacular do espaço psíquico provocada pelas condições da vida moderna, podemos observar a crescente dificuldade ou incapacidade de representação. Dificuldades relacionais e sexuais, sintomas somáticos, impossibilidade de se expressar e mal-estar gerado pelo

³ http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/homossexualidade_na_rede.html. Acesso em 20/06/2013.

emprego de uma linguagem sentida como artificial, vazia ou robotizada conduzem os novos pacientes ao divã do analista.

Esses pacientes, sejam eles casos-limite, somatizantes ou falsos selves, nos impõem impasses técnicos justamente no que diz respeito a essa ligação entre o corpo e a palavra. Essa carência de representação psíquica, que entrava a vida sensorial, sexual e intelectual, pode atingir o próprio funcionamento biológico.

A aquisição de uma palavra que possa devolver ao sujeito sua capacidade de representação psíquica é princípio do tratamento analítico. (Fontes, 2010, p. 34)

Mantendo a perspectiva do sensível, do afeto e das suas formas de representação, cabe relatar um fato identificado com base no levantamento feito em 48 edições da revista *Veja* entre julho de 2011 e junho de 2012, procurando algum anúncio tendo como tema a homossexualidade, o que envolveu a busca em 8014 páginas sendo 3589 de publicidade.

Em determinado momento, notei que não era apenas homossexualidade que faltava, havia falta de referências afetivas nas mensagens publicitárias. Daí revisei tudo de novo, tendo essa em mente esta busca. Considerei a presença de um “outro” que a mãe, o pai, um amigo, uma amiga, um grupo de amigos, um animal doméstico, alguma forma que pudesse estar associada a um convívio afetivo como referência. Do total de 3589 anúncios, apenas 206 sinalizavam o fato. Nessa nova busca, contabilizei também mensagens com abraços e/ou beijo. Apenas seis (sim, 6) mensagens em 3589 anúncios revelavam esse tipo de ocorrência.

Aqui, também, cabe dialogar com André Lázaro a partir de seu trabalho *Amor: do mito ao mercado* (1996, p. 223):

A privatização da vida, a ênfase na intimidade como lugar de realização dos indivíduos, tudo isso torna o amor mais necessário e mais difícil. O desnudamento em que ele está implicado parece ser mais problemático à medida que o culto da auto-imagem impõe limites e dificuldades à aceitação de si e do outro. A independência do prazer sexual torna a ascese amorosa um exercício trabalhoso e pesado.

O panorama de “desidratação afetiva” me levou a outro plano de reflexão: o grande impasse da visibilidade homossexual na mídia e na publicidade dever-se-ia à homossexualidade em si ou ao que ela provoca em relação à visibilidade da própria afetividade? Explico: se deslocarmos uma

mesinha de cabeceira que nos condicionamos a ver, a ponto de nem mais notá-la, ao lado da cama, no quarto, e a colocarmos na sala, a sua invisibilidade será subvertida e com certeza por um bom tempo vamos enxergar na sala quase apenas a mesinha que ali colocamos, até que nos acostumemos com ela nesse já não tão novo local.

Da mesma forma, a afetividade, visualizada em suportes de gênero não heterossexuais, automaticamente se amplifica. E hoje, diante da lógica neoliberal, do afeto clichê, da mecânica do diálogo orientado para a obtenção de resultados e vantagens, pode-se falar em uma espécie de monetarização simbólica do desejo em que o sexo entraria como acumulação de prazer, de gratificação, não de troca, de “ser para o outro”.

A visibilidade gay na mídia, um mundo em que as diferenças tivessem um ponto comum – o afeto – o amor do ser humano pelo ser humano, o surgimento de ficções homossexuais, romances elaborados a partir da visão de mundo de um(a) travesti, lésbica, transgênero, transexual, bissexual, ou gay... Enfim, uma produção cultural com presença transmidiática, proporcionaria riqueza simbólica com repercussões extremamente enriquecedoras. Não apenas para os gays, mas também para a própria condição afetiva heterossexual.